

Saúde JORNAL DE BRASIL

Casos de hanseníase abalam os moradores da Ceilândia

10 FEV 1983

Na Ceilândia, os moradores estão alarmados com os inúmeros casos de hanseníase (infecção conhecida vulgarmente como lepra) que vem aparecendo ultimamente na parte norte da cidade, principalmente entre as quadras 25 e 23. Em apenas seis meses foram detectados pelo Centro Assistencial Pró-Gente 20 casos de lepra, entre 4.608 moradores.

Essa relação é considerada muito alta, segundo a enfermeira da entidade, Nilza Tavares. Isto porque as ocorrências foram relacionadas em apenas uma das quadras da Ceilândia e somente entre as pessoas que procuraram o Posto de Saúde n° 2 e que depois recorreram ao Centro Médico da Pró-Gente. Ela suspeita haver outros portadores da doença que, por medo de serem marginalizados, não buscaram assistência médica.

Os fatores que influenciam na proliferação da infecção são as péssimas condições de saúde em que vivem os habitantes da Ceilândia. A desnutrição, anemia e diátria convivência em um ambiente sem a mínima infra-estrutura são as principais causas do surgimento de doenças como lepra, tuberculose, pneumonia, desidratação.

Em relação a hanseníase, a preocupação dos moradores está diretamente ligada com a falta de uma rede de esgotos na cidade, encanamento de água, asfaltamentos de ruas e visitas diárias dos caminhões de lixo. Sem a implantação dessa infra-estrutura básica, os moradores consideram inúteis os esforços da Secretaria de Saúde em vacinar a população. Ainda mais porque muitas das enfermidades não são imunizáveis através de vacina, como é o caso da hanseníase.

De acordo com o presidente da Associação dos Incansáveis Moradores da

Ceilândia, Eurípides de Camargo, essa preocupação da comunidade será discutida brevemente em um seminário que a entidade promoverá no próximo dia 27. Para os debates estão convidados o secretário de Saúde, Jofran Frejat, diretores da Associação Médica de Brasília e o Sindicato dos Médicos do Distrito Federal.

De acordo com Eurípides Camargo, os nove postos de saúde existentes na Ceilândia não prestam assistência médica adequada àquela população. Na sua concepção, as regiões de baixa renda — as conhecidas periferias — necessitam de um tratamento de saúde curativo, isto é, um controle permanente.

A assistência médica que a Ceilândia deveria receber é bastante diferente daquela que os postos de saúde têm dispensado, conceituada como medicina preventiva. Por outro lado, eles não dispõem de instrumentos e equipamentos médicos necessários em casos de emergência, como um ferimento na vista.

Além desses problemas, existem as filas dos postos de saúde que não terminaram com a prolongação do período de atendimento. O posto n° 2, gerido pela Dr^a Maria Mercês, atende uma população de 64 mil pessoas. No entanto, apesar da densidade demográfica ser maior nas quadras 23 e 25, ele atua com o mesmo número de médicos, enfermeiros e funcionários.

A população daquele local não está só descontente com a assistência médica que recebe. Há reclamações, também, quanto a falta de modos dos funcionários e da própria médica-chefe, Maria Mercês. Eurípides Camargo possui um fita cassete gravada testemunhando as acusações dos moradores.